



O menino que
perdeu o
brilho



Era uma vez um menino...

Ele era brilhante, criativo, inteligente, uma criança especial e com um futuro, certamente, grandioso. Ele cantava, dançava e fazia graça (era lindo de ver).

Texto de: Adriana, Daiana e Júlia

Na escola, onde começou aos 4 anos de idade, seu desempenho era notável, aprendia com facilidade e tudo acontecia de forma leve e especial, pois o menino tinha luz e brilhava, era uma criança muito feliz!



Tudo parecia perfeito até o dia em que teve, no quinto ano, seu primeiro lapso de memória. Ele estava fazendo a prova de História e “deu branco”, então diante do sentimento desconhecido ele se desesperou, tremia , estava em pânico;



A professora substituta ao perceber a aflição do menino, disse para que ele fosse até a cozinha da escola para tomar um chá. Então o menino foi, e lá ele encontrou sua mãe que trabalhava nessa mesma escola, e ela ao perceber o desespero do filho, ficou apavorada e começou a indagar sobre o que havia acontecido, o menino entre lágrimas, respondeu: Não sei mamãe, eu não consigo fazer a prova! Eu não sei nada! A mãe então transmitiu palavras de afeto, apoio e segurança e pediu que após terminasse o chá voltasse a aula.





Tudo parecia resolvido, e que aquele era um fato isolado, onde o nervosismo diante da prova, fez o menino travar. Mas nem sempre as coisas são o que parecem.

O fato da prova chegou aos ouvidos da professora titular, com a informação distorcida de que a mãe estaria passando as respostas da prova para o filho, enquanto ele tomava o chá. Mesmo vendo que o menino havia decaído muito na prova, a professora acreditou na história que a ela foi contada.



Não bastasse tudo o que havia acontecido, a professora de posse desta grande informação reuniu a turma e começou seu discurso justiceiro: - Eu sei que aqui tem um aluno que quer ser mais esperto, achou que só porque eu não estava podia colar que eu não saberia, foi pedir as respostas para a mãe, isso é muito baixo, isso é falta de caráter e olha sempre para o menino; o menino que era a única criança que tinha a mãe trabalhando na escola, então todos ali, sabiam que ela estava falando exclusivamente com ele.



O menino ficou desolado, perdeu a vontade de ir para a escola, sentia-se humilhado, injustiçado, e mesmo que a mãe tivesse conversado com a professora, e explicado tudo o que havia acontecido, a professora puniu-o com a exclusão do grupo em que apresentaria a mostra escolar!



Isso foi demais para aquele menino! A luz dele se apagou, ele perdeu o brilho, ele não queria mais ir para a escola! E como eu havia dito, as coisas nem sempre são o que parecem ser: Dois anos depois ele foi diagnosticado com TDAH, e talvez, aquele acontecimento da prova de história, seja um dos primeiros sintomas que ele teve.



Mas o questionamento aqui é: se lá naquele primeiro momento a professora tivesse conversado com o menino, com a família e interagido de uma forma mais cautelosa e amistosa, os sintomas poderiam ter sido mais brandos? Será que ele teria perdido o brilho e a vontade de ir à escola?



Desejamos que a escola seja inclusiva, seja respeitosa, seja democrática e cidadã, mas esse fato isolado ficou aquém daquilo tudo que desejamos numa escola! Veja bem, não podemos rotular a escola, por causa de um único professor, mas também não podemos fazer de conta que nada aconteceu. Precisamos comunicar a gestão, e a gestão precisa intervir e buscar auxiliar nessas questões.



Além disso, precisamos aprender a nos comunicar de forma mais eficiente e, principalmente buscar respostas e ouvir todos os lados de uma mesma história antes de sair por aí julgando os outros. TDAH é um transtorno neurobiológico caracterizado pela combinação de sintomas de desatenção, hiperatividade (inquietação motora) e impulsividade.



O TDAH aparece na infância e, na maioria dos casos, acompanha o indivíduo por toda a vida. O tratamento precoce é essencial para que o paciente consiga ter uma vida saudável e produtiva. E talvez, se a professora, a escola, tivessem prestado atenção ao acontecimento da prova, e acontecimentos posteriores o diagnóstico de TDAH poderia ter chegado mais cedo!



Ilustrei essa pequena história, em forma de livro, para lembrar a essa mãe de quão forte, guerreira e resiliente ela é! Filhos nos fazem ter uma força extraordinária e uma fé inabalável!



Sabemos o quão exaustivo é criar uma criança "normal", mais ainda é criar alguém "fora da curva", existem milhares de incertezas, medo, agonia e muitas vezes, não temos respostas para tudo! Mas certamente teremos sempre uma mãe leoa defendendo seu filho! Adriiiiiii tu és phoda!
Todo meu carinho e admiração por ti!

